



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

04 de setembro de 2015

Notícias do Dia - Plural

"Uma cruzada contra a barbárie"

Livro / Bertold Brecht / Brasil / Histórias de almanaque / Segunda Guerra Mundial / Theodor Adorno / Educação / Infância / Auschwitz / Europa / Leitura / Poema / Carme Solé Vendrell / Curso de Artes Cênicas / UFSC / Literatura infanto-juvenil / Iluminuras / Dirce Waltrick do Amarante

Uma cruzada contra a barbárie

Para as crianças. Livro de Brecht é sensível e serve a pensar os tempos atuais

DIRCE WALTRICK DO AMARANTE*

"A cruzada das crianças" (Pulo do Gato), do escritor alemão Bertold Brecht (1898 – 1956), chega agora ao Brasil numa edição dedicada especialmente ao público infanto-juvenil. O texto, que integrava originalmente o livro "Histórias de almanaque", de 1948, e que não tinha como público-alvo os pequenos, conta os infortúnios de um grupo de crianças polonesas órfãs que, em plena Segunda Guerra Mundial, vagavam em busca de abrigo seguro: "Escapavam às batalhas/ e deixavam a dor pra trás,/ desejavam só descanso/ num país cheio de paz".

Ainda que o poema não tenha sido escrito para as crianças, ele aborda um tema que, segundo o pensador alemão Theodor Adorno, deveria ser apresentado a elas já na primeira infância. De acordo com Adorno, "a exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação". E, ele acrescenta: "na medida em que, conforme os ensinamentos da psicologia profunda, todo caráter, inclusive daqueles que mais tarde praticam crimes, forma-se na primeira infância, a educação que tem por objetivo evitar a repetição precisa se concentrar na primeira infância".

Adorno adverte que Auschwitz está sempre na iminência de se repetir, pois "a barbárie encontra-se no próprio princípio civilizatório [...]". Em tempos em que imigrantes africanos, sírios etc. fogem de seus países em guerra e encontram a morte em travessias desumanas e ilegais para chegar à Europa, a tese de Adorno se mostra bastante atual, assim como o é também o tema do poema de Brecht: "Buscando a terra da paz,/ sem as bombas estourando,/ atrás de um novo país,/ vai crescendo assim o bando".

Obviamente a leitura que fazemos do poema não é a mesma feita pelas crianças, mas cabe a nós, adultos, quem sabe introduzir a elas o tema da barbárie a partir dos versos de Brecht. Acredito que os protagonistas mirins do poema ajudarão os pequenos na aproximação com o tema: "um menininho ensinava/ lições de caligrafia./ Na lata velha de um tanque,/ 'paz' seu aluno escrevia".

Há sempre adultos que preferem poupar os pequenos das desventuras do mundo e, no tocante à literatura, preferem aquelas obras mais festivamente edificantes. Obviamente há uma vasta gama de textos que

e
ensaio

se pode apresentar às crianças, dos festivos aos trágicos e, desde que seja boa literatura, são sempre bem-vindos. Mas, devo concordar com Adorno quando ele afirma que "crianças que não suspeitam nada da crueldade e da dureza da vida acabam por ser particularmente expostas à barbárie depois que deixam de ser protegidas".

Adorno observa, contudo, que "não é possível mobilizar para o calor humano pais que são, eles próprios, produtos desta sociedade, cujas marcas ostentam". O pensador alerta ainda que, muitas vezes, "o apelo a dar mais calor humano às crianças é artificial e por isso acaba negando o próprio calor".

Talvez o poema de Brecht, ao expor as crianças a uma realidade extremamente cruel, as toque fundo e crie nelas uma cicatriz que não as permitirá jamais esquecer da barbárie. O protagonista do poema, aliás, parece não ter podido esquecer dela: "Quando fecho os meus olhos,/ vejo-os perambular,/ vagando de sítio em sítio,/ sem nenhum auxílio achar".

Em "A cruzada das crianças", há estro-

fes que podem ser entendidas, numa leitura ligeira, como politicamente incorretas: "Esperança e fé sobravam,/ mas faltava-lhes o pão;/ bem fizeram se roubaram/ aos que lhes disseram não". Não seria Brecht, contudo, se não deixasse o seu leitor diante de uma situação perniciososa sobre a qual se edifica uma crítica, como afirma Roland Barthes, "com vista a fazer cessar a fatalidade da alienação social (ou a crença nessa fatalidade); o que não está bem no mundo (a guerra, a exploração) é remediável: o tempo da cura é concebível".

As ilustrações do livro são de Carme Solé Vendrell, que acompanha com traços bruscos e com ausência de cor o universo ríspido dos versos brechtianos.

É um livro atual e sensível, um convite para adultos e pequenos caminharem pelos pensamentos sempre fortes e verdadeiros de Bertold Brecht.

*Professora do curso de artes cênicas da UFSC. Autora de "As antenas do caracol: notas sobre literatura infantojuvenil" (Iluminuras).



Notícias do Dia - Mundo

"A migração dos povos sem rosto"

A migração dos povos sem rosto / Refugiados / Migração / UFSC / Xenofobia / Bodrum / Turquia / Bashar al-Assad / Síria / Estado Islâmico / Oriente Médio / Mediterrânea / Lucas Rezende / Curso de Relações Internacionais / Universidade Federal de Santa Catarina / Europa / Rússia / Estados Unidos / Guerra civil / União Européia / Reino Unido / Grécia / Península ibérica / Brasil / Guerra do Kosovo / França / Cuba / México / Ebola / Êxodo / Bíblia / África / ONU / Organização das Nações Unidas / Internet / Redes sociais / Aylan Kurdi / Kos / Nilüfer Demir / Dogan / Áustria / Budapeste / Hungria

A migração dos povos sem rosto

Refugiados. Para professor da UFSC, crise põe em xeque a hipocrisia e a xenofobia européias

PAULO CLÓVIS SCHMITZ
pe@noticiasodia.com.br
@pc_ND

As imagens do garoto sírio que apareceu morto quarta-feira na praia de Bodrum, na Turquia, chocaram o mundo e reforçaram a convicção de que as relações e a cooperação internacional continuam sendo um campo minado. As mesmas potências que investiram na derrubada do regime de Bashar al-Assad agora precisam do apoio do presidente da Síria para combater o Estado Islâmico, que vem espalhando o terror no Oriente Médio.

Por outro lado, a atual onda migratória é uma continuidade – embora com mais ênfase – dos movimentos feitos desde a segunda metade do século 20 por pessoas nascidas nas ex-colônias europeias em direção ao norte, agravada por guerras civis e conflitos no outro lado do Mediterrâneo.

“É um tanto hipócrita a atitude

de fechar as portas aos imigrantes agora, depois que a Europa falhou e o regime sírio não caiu”, diz o professor Lucas Rezende, coordenador do curso de Relações Internacionais da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Da mesma forma, mesmo que os países europeus aceitem receber parte dos refugiados, eles serão deslocados para lugares diferentes, o que implica numa ruptura cultural que não significará uma solução para o problema. “Eles continuarão sendo apenas números”, afirma Rezende.

“Com parte da cabeça enterrada na areia, o menino sírio representa os outros povos como são vistos na Europa – sem rosto”.

Um equívoco das potências ocidentais foi ignorar a legitimidade do regime sírio, tanto do ponto de vista interno quanto externo, pelo apoio da Rússia e outras nações. “Os Estados Unidos e todo o Ocidente financiaram a oposição por não concordarem com al-Assad,

mas enquanto os dois lados continuarem armados, a guerra civil vai prosseguir”, acredita ele. E tudo acontece no pior momento para o velho continente desde a criação da União Europeia, que encontra resistências no Reino Unido, na Grécia e na península ibérica. “Pode-se dizer que o bloco está na UTI desde a crise de 2008”, alerta.

Um problema que pode dificultar a adoção de políticas de recepção dos imigrantes é a visão generalizada na Europa de que eles chegam para tirar o emprego dos nativos, interferir na cultura e no conceito de raça. A xenofobia é uma realidade e os candidatos conservadores tendem a ganhar a simpatia do eleitorado na medida em que se opõem à entrada maciça de estrangeiros. “No Brasil, por exemplo, o governo federal lavou as mãos e deixou com os Estados o ônus da receber e manter os haitianos que entraram no país”, afirma o professor universitário.



REPRODUÇÃO ILUSTRAÇÃO DE AZDAN (BARCELONA)

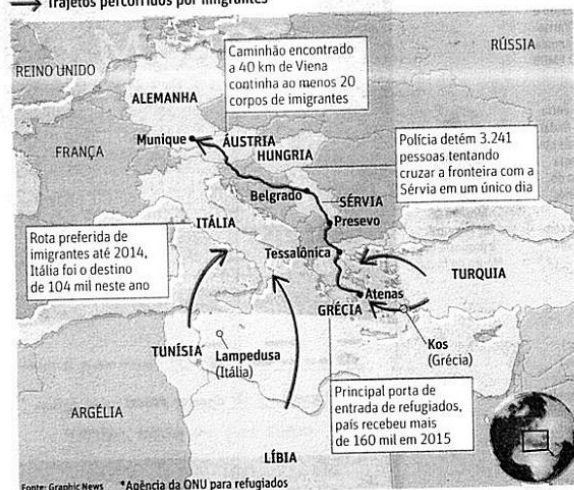


REPRODUÇÃO ILUSTRAÇÃO DE STEVE DENKIND

ROTAS MIGRATÓRIAS

Europa recebeu mais de 264 mil imigrantes desde o início do ano, segundo Acnur

→ Trajetos percorridos por imigrantes



Guerras potencializam fugas

Lucas Rezende fala de outros movimentos migratórios importantes, como o provocado pela guerra do Kosovo, o fluxo das ex-colônias africanas para a França e Reino Unido após as guerras de independência, a entrada de paquistaneses, cipriotas e africanos em geral em diferentes momentos da história na região.

Da mesma forma, existe a migração de Cuba e do México para os Estados Unidos, vistos, como a Europa, como o lugar das grandes oportunidades. “Na história, como o lugar das grandes oportunidades. “Na história, as populações nunca se restringiram a um lugar e as migrações sempre existiram – basta ver o que conta o Êxodo, na Bíblia, sobre as fugas da opressão e da escravidão na antiguidade”, compara o professor.

Hoje, as guerras internas, a fome e doenças como o ebola na África potencializam os deslocamentos em direção à Itália e à França. A dificuldade está na disposição dos próprios moradores desses países de receberem e dividirem com os estrangeiros os recursos, que já são poucos. Esperar da ONU (Organização das Nações Unidas) uma ação contundente neste momento é ilusório, porque a entidade não está acima dos Estados membros e não existe de forma independente enquanto organização.

Quanto ao impacto das imagens do menino sírio, que foram compartilhadas na internet, Rezende diz que a diferença de outros momentos dramáticos é que “hoje a gente vê na hora”. Para ele, a grande comoção gerada pela imagem pode constriar os governos a repensarem suas posturas em relação aos dramas das populações de países periféricos em situação de conflito permanente.



Repercussão. Desenhos postados em redes sociais homenagearam menino sírio encontrado em praia turca depois de morrer em naufrágio

"Meus filhos escorregaram das minhas mãos"

Ilustrações divulgadas nas redes sociais homenagearam Aylan Kurdi, o menino sírio de 3 anos que morreu afogado na quarta-feira em Bodrum, na Turquia. A fotografia que mostra o corpo dele na praia tornou-se um símbolo da crise migratória na Europa. Além do menino, um de seus irmãos, Galip, e sua mãe também morreram no naufrágio.

O pai dos meninos sobreviveu e disse ontem que seus filhos "escorregaram de suas mãos". "Tínhamos jalecos salva-vidas, mas o barco afundou porque várias pessoas se levantaram. Carreguei a minha mulher nos braços. Mas meus filhos escorregaram das minhas mãos", contou ele.

Abdullah disse que a família pagou duas vezes para atravessar da Turquia para a ilha grega de Kos. "Numa delas, os guardas nos pararam. Ai fomos libertados. Da segunda vez, os organizadores não cumpriram com a promessa e não trouxeram o barco. Então conseguimos um barco por nossos próprios meios".

"Depois de navegarmos 500 metros, começou a entrar água no barco. Nossos pés ficaram molhados. Criou-se pânico, e quando as pessoas

tentaram ficar de pé, a situação piorou", relatou o homem.

"Meu sangue realmente congelou", disse a fotógrafa Nilüfer Demir sobre sua primeira reação ao ver o corpo de Aylan na praia. "Fotografava um grupo de migrantes paquistaneses que tentavam atravessar clandestinamente [o Mediterrâneo]. Foi quando reparamos em (...) corpos de crianças. Inicialmente, ficamos surpresos e muito tristes", relatou Demir à agência de notícias turca Dogan, para a qual trabalha.

"Seu corpo sem vida estava deitado naquele lugar, com sua camiseta vermelha, sua bermuda azul rasgada. (...) Cem metros adiante, seu irmão [mais velho] Galip estava estirado no chão."

"Me aproximei, vi que eles não tinham coletes salva-vidas nem braçadeiras. Aquela imagem demonstrava como esse incidente era realmente dramático."

"Precisávamos cumprir nossa missão. Não havia mais nada que pudéssemos fazer por eles. (...) A única coisa que eu podia fazer com seu corpo caído sobre o chão era fazer seu grito ser ouvido. Acreditei que poderia fazer isso apenas apertando o botão da câmera, e tirei a foto daquele momento."

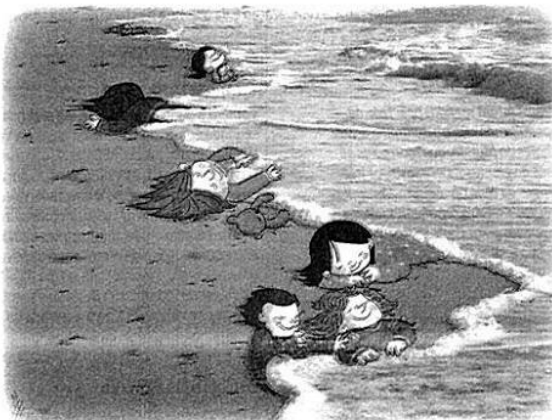


ARMANDO DE FAMILIANO



Tragédia. Na foto acima, os irmãos Aylan Kurdi, 3 anos, e, Galip, 5 anos, que morreram no naufrágio, e ao lado, o pai. Família queria tentar nova vida na Europa

REPRODUÇÃO ILUSTRAÇÃO DE MAHMAZ YAZDAN/ANO



Polícia húngara entra em choque com refugiados

A polícia húngara parou, ontem, um trem repleto de refugiados e migrantes a caminho da fronteira com a Áustria e tentou forçá-los a se dirigir a uma cidade com um acampamento, desatando um confronto que se tornou foco da crise migratória na Europa.

Após impedir o acesso à principal estação de trem da capital Budapeste durante dois dias, as autoridades húngaras permitiram que as pessoas, exaustas e confusas, embarcassem em um trem para o oeste.

Centenas se espremeram nas composições, agarrando-se às portas e empurrando os filhos pelas janelas. Mas, em vez de seguir para a divisa

austriaca, o trem foi detido em Bicske, onde a Hungria tem um centro de recepção de imigrantes, e a polícia ordenou que todos desembarcassem.

Policiais esvaziaram um dos vagões, enquanto outros cinco ficaram na estação expostos ao calor. Temendo a detenção, alguns imigrantes bateram nas janelas entoando "Campo não! Campo não!".

Um grupo empurrou dezenas de policiais que guardavam uma escadaria para poder voltar ao trem. Uma família – homem, mulher e uma criança de colo – foi para os trilhos, onde se deitou em protesto. Policiais se atracaram com o homem para obrigá-los a se levantar.

Notícias do Dia Paulo Alceu "Nova juíza"

Ana Cristina Ferro Blasi / TRE-SC / Tribunal Regional Eleitoral de Santa Catarina / Direito / UFSC

Nova juíza

A advogada Ana Cristina Ferro Blasi será empossada hoje, às 18h15, como juíza do TRE-SC (Tribunal Regional Eleitoral de Santa Catarina). Mestre em Direito pela UFSC, Ana Cristina afirma que assume a missão como um grande desafio para a carreira profissional. Com a judicialização das eleições, é cada vez maior o trabalho das Cortes Eleitorais de todo o país.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

Estudantes da UFSC Blumenau mudam para o novo endereço na semana que vem

Novo Campus da UFSC será inaugurado em Blumenau